



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – UFFS

CAMPUS REALEZA - PR

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

MATEUS DOS SANTOS SOUZA CECCONI

**ESTUDOS DA BOTÂNICA A PARTIR DA VIAGEM DE SAINT-HILAIRE AO
SUL DO BRASIL NO SÉCULO XIX**

REALEZA

2017

MATEUS DOS SANTOS SOUZA CECCONI

**ESTUDOS DA BOTÂNICA A PARTIR DA VIAGEM DE SAINT-HILAIRE AO
SUL DO BRASIL NO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza – PR, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia.

REALEZA

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Cecconi, Mateus dos Santos Souza

Estudos da botânica a partir da viagem de Saint-Hilaire ao sul do Brasil no século XIX/ Mateus dos Santos Souza Cecconi. -- 2017.

25 f.:il.

Orientador: Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Ciências Biológicas , Realeza, PR, 2017.

1. Saint-Hilaire. 2. Expedição botânica . 3. Rio Grande do Sul. I. Garcia, Ronaldo Aurélio Gimenes, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MATEUS DOS SANTOS SOUZA CECCONI

**ESTUDOS DA BOTÂNICA A PARTIR DA VIAGEM DE SAINT-
HILAIRE AO SUL DO BRASIL NO SÉCULO XIX**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Ciências Biológicas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza – PR, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Marcos myskiw - UFFS

Prof. Dr. Jackson Cacciamani - UFFS

Prof. Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia – UFFS

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	6
2- QUAL É A REAL CONTRIBUIÇÃO DO NATURALISTA PARA O ESTUDO DA BOTÂNICA	8
3- CONSIDERAÇÕES DO PESQUISADOR QUANTO A RELAÇÃO HOMEM NATUREZA E SUAS OBSERVAÇÕES ALÉM DA CIÊNCIA.....	18
4- CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
5- ANEXO	25

O TRABALHO SEGUE A FORMATAÇÃO DA REVISTA FÊNIX – REVISTA DE HISTÓRIA E ESTUDOS CULTURAIS. CITADO AO FINAL DO ARTIGO EM ANEXO.

ESTUDOS DA BOTÂNICA A PARTIR DA VIAGEM DE SAINT-HILAIRE AO SUL DO BRASIL NO SÉCULO XIX*

Mateus dos Santos Souza Cecconi**

Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS

mateus_faculdade@hotmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre a obra do naturalista, *Auguste Prouvençal de Saint-Hilaire*, e sua expedição científica pela região do Rio Grande do Sul. Buscou-se estudar os escritos do naturalista enquanto pesquisador e viajante ao sul do Brasil. Além de destacar quais motivos levaram o botânico a realizar esta viagem, e ainda apontar algumas espécies catalogadas pelo cientista. Procurou-se ainda, identificar como este concebe a relação homem - natureza nesta região do Brasil. A análise de sua obra realizou-se a partir da Análise Textual Discursiva (ATD), que propõem uma metodologia própria para análise de textos. A partir do presente trabalho, pode-se concluir a importância da obra do estudioso francês para posterioridades, levantando importantes dados acerca da fauna e flora brasileira, até então desconhecido pelo mundo científico.

PALAVRAS-CHAVE: *Saint-Hilaire*; expedições científicas; Rio Grande do Sul.

STUDIES OF THE BOTANY FROM THE JOURNEY OF SAINT-HILAIRE TO SOUTH OF BRAZIL IN THE XIX CENTURY

ABSTRACT: This article presents a study on the work of the naturalist, *Auguste Prouvençal de Saint-Hilaire*, and his scientific expedition in the region of Rio Grande do Sul. He sought to study the writings of the naturalist as a researcher and traveler to the south of Brazil. In addition to highlighting which reasons led the botanist to make this trip, and also to point out some species cataloged by the scientist. It was also sought to identify how this man conceives the relation man nature in this region of Brazil. The analysis of his work was carried out from the Discursive Textual Analysis (ATD), which propose a proper methodology for the analysis of texts. From the present work it is possible to conclude the importance of the work of the French scholar for posteriorities, raising important data about the Brazilian fauna and flora, hitherto unknown by the scientific world.

KEYWORDS: *Saint-Hilaire*; Scientific expeditions; Rio Grande do Sul.

* Artigo apresentado à Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito parcial para formação em licenciando em Ciências Biológicas, sob a orientação do professor Dr. Ronaldo Aurélio Gimenes Garcia. Realeza, 2017.

** Docente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas.

Introdução

Na minha concepção de escritor do presente artigo, acho de grande importância ressaltar alguns dos motivos que me levaram a descrever sobre o determinado assunto, pois, além de ser um tema de grande importância para história da ciência, agrega-me conhecimentos acerca da região sul do Brasil, ao qual tenho interesse em conhecer. Considerando o fato de estar cursando um curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, é válido ressaltar o vasto conhecimento obtido por meio deste trabalho, que consequentemente servira de apoio em sala, quando ministrar aulas sobre o tema de botânica.

Saint-Hilaire, renomado estudioso francês, mostra-se como tema esquecido, ou até mesmo não conhecido por muitos estudiosos de temas relacionados à botânica. “Na França atual, ele é um personagem esquecido, o que não aconteceu em sua época, quando ocupou posição de prestígio no meio científico parisiense e francês.”¹ *Saint-Hilaire*, lançou-se ao Brasil para a realização de sua expedição científica no ano de 1816, acompanhado do Duque de Luxemburgo, que vinha ao Brasil com o objetivo de resolver a relação de conflito entre Portugal e França a respeito da posse da Guiana. Chegando ao território brasileiro em 1 de junho do mesmo ano, sua viagem se estendeu até o ano de 1822, a qual lhe atribuiu o título de viajante-naturalista.²

Este estudioso pertencia a uma família nobre. Teve forte influência dos estudos de *Humboldt* e *Bonpland*, grandes naturalistas que percorreram a América do Sul, aos quais teve contato na Alemanha, quando residia na casa de uma tia. “De volta à França, *Saint-Hilaire* passa a estudar botânica no Museu de História Natural, de onde partirá, posteriormente, para aprimorar seus estudos no Jardins do Rei em Paris”. Fez parte da aristocracia francesa. Com ajuda de importantes influências do mundo científico, veio ao Brasil com 37 anos.³ Nesta época, *Saint-Hilaire* já possuía um vasto conhecimento

¹ KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. *Intellèctus (Revista Eletrônica)*, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 1-11, 2003, p. 1.

² Idem.

³ GALMARINO, Estela Machado Winter. **Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul (1820-1821):** O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento. 2008. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008, p. 8.

botânico, decorrentes de seus estudos a cerca da flora francesa, mais precisamente sobre a anatomia dos frutos.

Figura 1. – *Auguste de Saint-Hilaire* (1779-1851), pouco tempo após a sua viagem ao Brasil.



Fonte: *Saint-Hilaire* virtual herbarium, a new upgradeable tool to study Brazilian botany.⁴

Saint-Hilaire estava ciente dos métodos práticos utilizados para coleta, confecção de herbário, transporte de vegetais e métodos de estudos para que não

⁴ Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5252/a2013n1a1>> Acesso em 10 de Ago. de 2017.

deixasse nada passar despercebido de seus olhares. O que conseqüentemente o permitiu seguir a viagem.⁵

Os professores do Museu confirmam a utilidade potencial das investigações de Saint-Hilaire e informam o ministro quanto a seus conhecimentos de história natural, sobretudo em botânica. Respalado pelo parecer dos naturalistas da instituição, o ministro permite que parta na qualidade de viajante naturalista enviado pelo governo e concede a ele, inicialmente, a soma de três mil francos por ano, aumentada logo em seguida para seis mil. O botânico, por sua vez, deveria buscar instruções junto aos professores do Museu e enviar para lá toda correspondência científica e objetos de história natural que coletasse. Uma vez no Brasil, Saint-Hilaire procede da maneira indicada pelo ministro, porém, como se tratava de alguém com conhecimentos reconhecidos em botânica, ele mesmo decidia em última instância sobre o destino de suas pesquisas e coletas.⁶

Apostou-se em *Saint-Hilaire* na época, que a partir dele pudesse-se conhecer um pouco da flora dispostas pelo território brasileiro, a fim de identificar algumas espécies benéficas e com fins lucrativos pra que pudessem ser transplantadas em solo francês.

Qual é a real contribuição do naturalista para o estudo da botânica?

Ao chegar em território brasileiro, o botânico admirou-se pelo estado em que a natureza se encontrava, quase intacta se comparada com o lugar de onde vinha, pois os bosques e florestas já haviam regredido em face da agricultura, notou que se tratava de uma nação abundante em recursos naturais, como por exemplo: água, minerais e solo. Região com imensas plantações de cana de açúcar, café, algodão e inúmeras árvores frutíferas, dentre elas muitas trazidas da Europa. Logo de início o botânico deduziu que sua vinda ao Brasil traria bons resultados.⁷

⁵ GALMARINO, Estela Machado Winter. **Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul (1820-1821):** O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento. 2008. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008, p. 6-20

⁶ KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus (Revista Eletrônica)**, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003, p. 4.

⁷ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 87-92.

Para os estudiosos da época, um botânico portador de conhecimentos aprofundados na sua área poderia contribuir de inúmeras maneiras para um melhor desenvolvimento da humanidade. Por intermédio de seu conhecimento poderia realizar mudanças na distribuição da flora dentre as regiões do mundo, pois poderia identificar diferentes vegetais e naturalizá-los em uma pátria distinta, porém, com algumas características semelhantes. Para isso se fazia necessário que existisse conhecimento das necessidades do desenvolvimento dessas determinadas plantas. Outra aposta da época foi à aclimação. Acreditava-se que seria possível fazer com que as plantas se desenvolvessem em condições climáticas diferentes a do seu bioma de origem.⁸ Na época já se tinha o conhecimento da importância das plantas para o desenvolvimento humano, pelo fato de estarem presente de diversas maneiras na vida das pessoas, servindo como fonte de alimento, vestuário, abrigo, oxigênio e inúmeros outros. Um bem indispensável para a vida na terra.⁹

Durante a sua estadia no Brasil o botânico passou por diversas regiões: Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Goiás, Santa Catarina e o estado que o presente artigo se dispõe a analisar, Rio Grande do Sul. De forma geral, suas contribuições à botânica foram significativas, pois a partir de seus estudos foram catalogadas inúmeras espécies até então desconhecida para o mundo científico.¹⁰ Como é o caso das espécies: *Senecio icoglossus*, *Solanum commersonii* Dunal, *Ficus luschnathiana* (Miq). Popularmente conhecidas como: Margarida-do-banhado, Batata-silvestre e Figueira.¹¹

⁸ KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus (Revista Eletrônica)**, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003, p. 3.

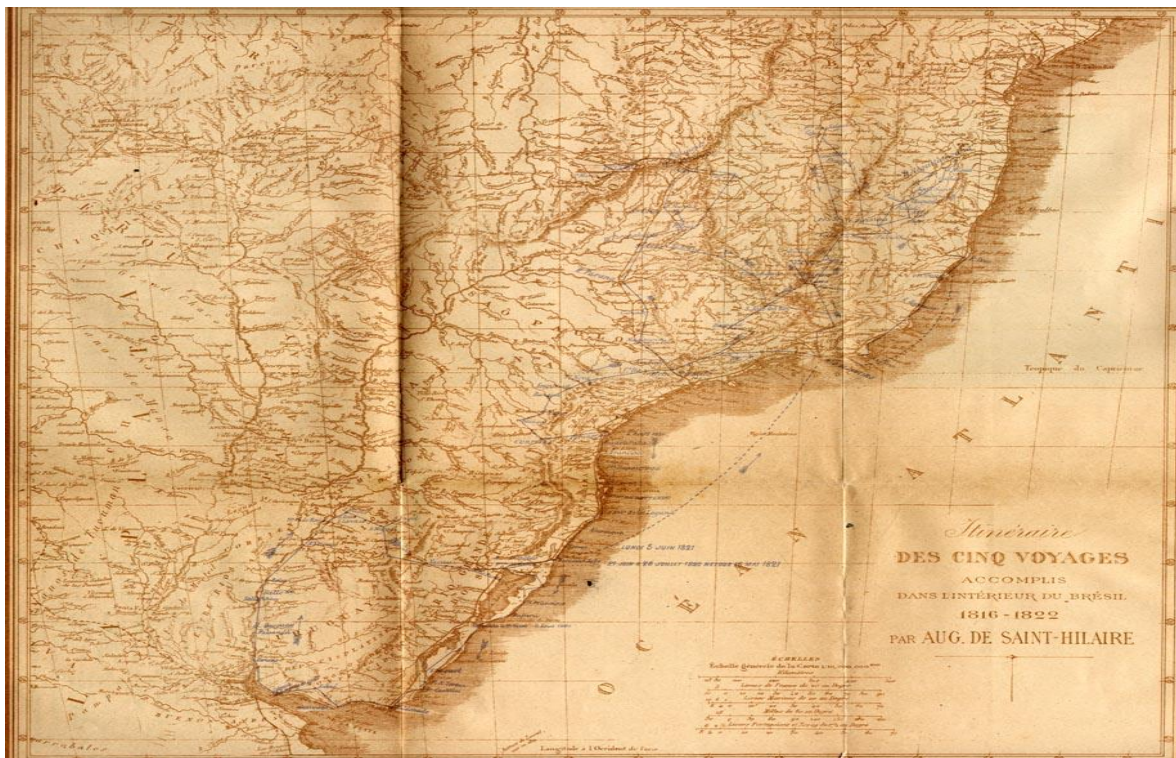
⁹ *Ibidem*, p. 2-7.

¹⁰ AMARAL, Marise Basso. **História de viagem e a produção cultural da natureza: A paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX**. 2003. 339 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p. 127.

¹¹ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 127.

A figura abaixo intitulada “Mapa dos Itinerários” mostra o caminho percorrido por *Saint-Hilaire* no Brasil, durante os anos de 1816-1822. Trajeto feito pelo naturalista entre as Capitanias da região centro-sul do Brasil.

Figura 2. – Mapa dos itinerários (1816-1822).



Fonte: Mapa dos Itinerários de Saint-Hilaire viagem ao Rio Grande do Sul.¹² (Locais percorridos pelo naturalista durante a sua viagem ao Brasil).

Saint-Hilaire relata em seus escritos que sua função na expedição ao Brasil não se limitaria a apenas em coletar plantas e enviá-las para o Museu de Paris. Por meio do seu conhecimento buscava analisá-las logo após a coleta e não quando já estavam secas nos herbários. Após os envios de suas coletas para o Museu da França, solicitava que guardassem as plantas enviadas, pois segundo ele não haveria ninguém mais indicado profissionalmente para analisá-las. Já os minerais, animais e sementes ficavam a disposições dos outros estudiosos da instituição para análise.¹³

¹² NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2007. Disponível em: <[http://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves, Martins, Radtke - Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao RS.pdf](http://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves,%20Martins,%20Radtke%20-%20Mapa%20dos%20itiner%C3%A1rios%20de%20Saint-Hilaire%20Viagem%20ao%20RS.pdf)>. Acesso em: 20 Ago. 2017, p. 3.

¹³ *Ibidem*, p. 4.

O naturalista tinha a seu dispor na passagem pelo Rio grande do Sul, durante os anos de 1820-1821, o auxílio dos militares, seus empregados, “os quais o guiaram por regiões até então desconhecida pelo botânico francês”,¹⁴ e as populações por onde passava, as quais foram de grande importância, pois o forneciam hospedagem e alimento em locais quase totalmente isolados. Viagem esta, em que o naturalista percorreu mais de dois mil quilômetros.

As análises dos elementos naturais realizadas pelo naturalista *Saint-Hilaire*, foi de grande relevância para compreender aspectos do solo, a altitude, a localização na latitude e a umidade. Para tanto, o pesquisador utilizou de todos os aparatos disponíveis pelos sentidos humanos para suas observações como audição, o olfato, o paladar, e dentre eles os mais importantes: visão e tato. Deste modo, os estudos feitos por *Saint-Hilaire* foram além das observações somente das interações e dos processos clínicos da natureza, “ele observou a vida, com um olhar ligado a mente e outro ligado ao coração”.¹⁵

Saint-Hilaire não se deteve a um único propósito de análise e catalogação da fauna e flora, o naturalista foi além, pois não se limitou somente à coleta, classificação e preservação do material encontrado, mas se preocupou em escrever minuciosamente tudo o que observava, como a descrição de seus estudos, bem como os diversos meios de cultivo e costumes dos povos nativos. Suas aventuras e problemas ocorridos, e ainda “suas dúvidas e incertezas em relação às pessoas e aos acontecimentos transcorridos em torno da viagem”.¹⁶ Tudo registrado em seu diário. O excerto a baixo mostra um dos métodos de cultivos adotados pelos povos do Rio Grande do Sul para cultivar plantações.

¹⁴ GALMARINO, Estela Machado Winter. **Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul (1820-1821):** O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento. 2008. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008, p. 9.

¹⁵ PADOAN, Lucas de Lima Fernandes. **Explorando o desconhecido:** As contribuições dos viajantes naturalistas para as ciências naturais no Brasil do século XVIII e XIX. Santa Maria: Reget, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/15794>>. Acesso em: 02 Ago. 2017, p. 199.

¹⁶ NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao Rio Grande do Sul.** 2007. Disponível em: <<http://www.ihrgs.org.br/artigos/membros/Neves, Martins, Radtke - Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao RS.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2017, p. 2.

Devido ao gado que se deixa errar livremente nos campos, há necessidade de cercar todas as culturas. Cava-se em redor um fosso profundo; do lado das plantações, moitas de verdura, à semelhança de pequenos muros que, de ambos os lados, descem em talude, feitas com grande cuidado; entre essas moitas plantam-se cactáceas e bromeliáceas de enormes folhas espinhosas, que se mostram em largas rosetas; e, ainda que estes vegetais cresçam pouco, formam espécies de sebes muito difíceis de transpor.¹⁷

Outro ponto importante, o botânico buscou usar inúmeras analogias em seus diários. Quando descrevia principalmente os aspectos físicos das suas análises, comparando com algo já encontrado em sua nação, para assim facilitar a compreensão para quem remete seus estudos. Deste modo, suas descrições de plantas, minerais animais, vinham acompanhadas de uma breve narrativa feita por *Saint-Hilaire*.¹⁸

Desde Montevidéu até aqui, a região apresenta uma planície imensa, com pequenas elevações e pastagens a perder de vista. Elas não são matizadas de flores como nossos campos e não se vê nenhum arbusto, nem mesmo um subarbusto. A erva atinge aí a mesma dimensão que a dos nossos prados da França; muito fina, compõe-se principalmente de gramíneas, entre as quais as de nº 3.403 e 2.206, onde em geral, vicejam os estípes. Sem dúvida, as melhores pastagens que vi na América.¹⁹

Embora a sua viagem ao Brasil fosse para prestar serviços à França, o naturalista não negou interesse, agregando conhecimento e experiência profissional. Em seus relatos de viagem, o naturalista aponta vários episódios, o qual demonstra serviços que acha ter prestado aos brasileiros, como ter conquistado amizade de pessoas importantes por meio de suas descobertas a cerca da utilidade de plantas, que poderiam ser comercializadas no Brasil, e ainda, plantas com importantes propriedades medicinais.

¹⁷ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 127.

¹⁸ GALMARINO, Estela Machado Winter. **Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul (1820-1821): O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento**. 2008. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008, p. 25-26.

¹⁹ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 207.

“Conta também que foi chamado a opinar sobre a razão da diferença de gosto entre o mate do Paraguai e o mate do Brasil. Concluiu que se tratava da mesma espécie vegetal. O gosto da bebida variava, portanto, de acordo com a maneira de prepará-la.”²⁰ Além disto, o naturalista descreve a respeito do Brasil para o Museu da França, e solicita sementes de vegetais, - “principalmente legumes, frutas e plantas de ornamento – que poderiam ser aclimatados no Brasil.”²¹

Realizou a catalogação de inúmeros espécimes da fauna e flora brasileira. O trecho abaixo demonstra como o naturalista descreve algumas espécies de plantas observadas:

As matas são muito raras; apenas percebem-se, de longe em longe, algumas capoeiras ou pequenos capões de árvores raquíticas; não vi, hoje, mais flores nos campos que nos dias precedentes. Em geral a vegetação parece menos avançada. As plantas mais comuns, atualmente em flor, são: a *anêmona n° 1864*, o *cerastium n° 1875*, um outro *cerastium*, o *carex n°1875 ter* e uma *oxalis* vermelha, que não é a de *n° 1874*. Revi hoje, surpreso, uma palmeira, que já haviam mostrado em Palmares. Suas folhas são aladas e assemelha-se um pouco ao butiá, mas é mais alta, com o tronco mais grosso e inteiramente coberto de escamas, base das antigas folhas.²²

Descrevia relatos minuciosos acerca da região pela qual passou, pode-se afirmar que o naturalista pôde presenciar inúmeras situações que foram descritas em seu diário, como está apontada abaixo:

Fui hoje jantar na casa de campo do Conde, onde me mostrou duas vacas com atributos próprios do sexo masculino. Os traços da cabeça assemelham-se aos do touro; a vulva é menor e menos próxima do ânus do que nas vacas comuns; as quatro tetas são muito pequenas e por baixo trazem dois corpos grossos, ovoides, semelhantes aos testículos do touro; laçada uma delas e dominada, pude eu próprio verificar a existência dessa espécie de testículos, apalpando-os e fazendo-os mover.²³

²⁰ KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus (Revista Eletrônica)**, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003, p 10.

²¹ Idem.

²² SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 134.

²³ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em:

Pode-se dizer que *Saint-Hilaire* era considerado um botânico completo. O cientista não fazia distinção entre a ciência teórica e a ciência aplicada, pois “era ao mesmo tempo um homem ligado aos aspectos filosóficos da história natural e aos aspectos práticos de sua especialidade”. Nesse sentido, os dois lados da ciência se complementavam. O naturalista buscou apoiar-se em conceitos já definidos por grandes cientistas da área da ciência natural, como *Humboldt*. Assim, o interesse inicial dos resultados das suas pesquisas era voltado precisamente para a satisfação das necessidades das populações Europeias e para “fortalecer” a nação que representava.²⁴

No decorrer da sua expedição, o botânico expressava nitidamente qual era o principal interesse da sua exploração no Brasil: buscar plantas com algum valor econômico ou propriedades medicinais que pudessem ser aclimatadas em seu país. Seu pensamento sempre foi voltado para França, e ficou feliz quando passou pela região sul do país e encontrou climas mais amenos, semelhantes ao da sua nação de origem. Encontrou alguns vegetais que poderiam ser aclimatados na França, como é o caso da araucária, e assim mandou inúmeras sementes para que pudesse ter certeza que o produto enviado chegasse ao seu destino.²⁵

Saint-Hilaire percorreu boa parte do país tendo como objetivo coletar amostras da fauna e da flora brasileira, criando relatórios que serviriam para promover a pátria francesa e o conhecimento científico. Enquanto viajava ele escreveu diários que após serem publicados serviram como fonte para estudos diversos.²⁶

Vale ressaltar que nessa época se tinha pouco conhecimento acerca dos problemas que se podia acarretar o fato de transpor uma espécie exótica, pois, os impactos em alguns casos são quase irreversíveis, causando um grande dano ao habitat em que a planta foi inserida.

<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p. 32.

²⁴ KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus (Revista Eletrônica)**, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003, p. 5-10.

²⁵ *Ibidem*, p. 9-10.

²⁶ XII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH/RS, 7., 2014, Rio Grande do Sul. **A natureza do pampa na obra “Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-21” de Auguste de Saint-Hilaire**. Rio Grande do Sul. 2014.

Segundo o naturalista, a sua exploração pelo território brasileiro é plenamente justificável, pois apesar de levar algumas espécies de plantas, animais, alguns tipos de minerais e um herbário, e ainda algumas informações sobre a geografia e os costumes do Brasil, ele ajudava a França, porém, favorecendo os brasileiros pelas suas descobertas científicas deixadas por meio de seus relatos, passando assim a fazer parte do mundo científico.²⁷

Saint-Hilaire era considerado um pesquisador ativo na busca por conhecimento na área da botânica, relacionando-os a assuntos de zoologia e mineralogia. Foram inúmeras as coletas de plantas, animais e minerais obtidas no decorrer da sua viagem pelo Rio Grande do Sul, classificou e organizou tudo cuidadosamente, que serviu como base para o Museu de História de Paris, e conseqüentemente a posteriores estudos realizados na fauna e flora brasileira.²⁸

Segundo Padoan²⁹ os números das coletas feitas pelo estudioso foram bem expressivos, pois, o botânico coletou 30.000 mil exemplares de plantas, catalogando aproximadamente 7.000 espécies pelo território brasileiro. Deste modo, a “atenção, observação e análise” foram de extrema importância para o naturalista. Observava minuciosamente cada tipo de planta, analisando e coletando, e ainda, tendo nota dos fatores ambientais que influenciavam o desenvolvimento das espécies em diferentes tipos de climas. Foi considerada uma tarefa árdua a sua expedição, levando em conta o grande número de espécies florísticas dispostas no território brasileiro.

Pode-se dizer que nada passou despercebido por *Saint-Hilaire*, anotava exatamente tudo que observava cada extrato da vegetação, o tamanho, cor, cada detalhe da sua morfologia era comparada e analisada pelo naturalista. Ele “acaba percebendo a

²⁷ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de Ago de 2017, p 123-126.

²⁸ NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2007. Disponível em: <<http://www.ihrgs.org.br/artigos/membros/Neves, Martins, Radtke - Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao RS.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2017, p. 1.

²⁹ PADOAN, Lucas de Lima Fernandes. **Explorando o desconhecido**: As contribuições dos viajantes naturalistas para as ciências naturais no Brasil do século XVIII e XIX. Santa Maria: Reget, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/15794>>. Acesso em: 02 ago. 2017, p. 198.

semelhança florística com as condições ambientais proporcionada entre diversas áreas, considerando também barreiras geográficas e notando endemismos nos altos dos picos”.³⁰ O botânico, influenciado pelo trabalho de um grande pesquisador das ciências naturais, *Humboldt*, buscou realizar uma de suas abordagens no decorrer de sua expedição, o estudo da “fisionomia” das paisagens. Na Europa, por exemplo, algumas matas se distinguem por serem compostas basicamente por pinheiros. “O pinheiro é uma planta social, ou seja, sempre há grande número de indivíduos da mesma espécie juntos,”³¹ ao contrário das florestas tropicais no Brasil, que são formadas pela combinação de várias espécies em uma mesma área. Ele aponta em seus escritos essas diferenças fisionômicas, frisando a riqueza florística conhecida por ele no Brasil.³²

Quando o botânico não encontrava alguma palavra que facilitasse o entendimento para o seu leitor a respeito da paisagem, dos animais, das plantas e do clima ou de outro tema que estivesse descrevendo, ele buscava ser o mais detalhista possível, usando de métodos comparativos para assimilar alguns aspectos observados com os encontrados na Europa.³³ Como descrito no excerto a baixo:

Apesar do tempo chuvoso, fiz hoje uma longa herborização, recolhendo várias plantas que se relacionam com gêneros europeus. É a *anérmona* n° 1864, a *ranunculácea* n° 1843 bis, o *cerastium* n° 1871 e o *carex* n°1865. O que há de notável, aqui, é que as espécies pertencentes a esse gêneros em nosso país florescem igualmente ao início da primavera.³⁴

³⁰ PADOAN, Lucas de Lima Fernandes. **Explorando o desconhecido:** As contribuições dos viajantes naturalistas para as ciências naturais no Brasil do século XVIII e XIX. Santa Maria: Reget, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/15794>>. Acesso em: 02 ago. 2017, p. 198.

³¹ KURY, Lorelai. **Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista:** Experiência, relato e imagem. Manguinhos: Oswaldo Cruz, v. 8, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017, p. 3-7.

³² Idem.

³³ AMARAL, Marise Basso. **História de viagem e a produção cultural da natureza:** A paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX. 2003. 339 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003, p. 306.

³⁴ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de ago. 2017, p. 106.

Saint-Hilaire se preocupou em analisar e descrever boa parte dos exemplares coletados por ele neste caminho percorrido pelo território brasileiro. E ainda hoje com o passar dos anos, alguns métodos de análise continuam os mesmos utilizados por ele no século XIX, a construção de exsicatas e a “identificação de indivíduos pelas características fisionômicas e morfológicas dos mesmos.”³⁵

É inegável que sua obra é de extrema importância científica, pois agrega dados demográficos e econômicos em grandes quantidades, além de importantes informações acerca da fauna e flora brasileira. Seus relatos possuem quase 200 anos e apesar dos vários anos terem se passado ainda é citado em trabalhos de grande relevância. Nos dias atuais, o acesso a essas informações se tornam cada vez mais fácil, pois há uma plataforma online (site), “*Saint-Hilaire* herbário virtual”³⁶ que permite acesso aos bancos de dados onde é possível visualizar as espécies de plantas catalogadas pelo naturalista com uma riqueza de detalhes imensa.

Um estudo recente, realizado no ano de 2015, em uma das rotas percorrida pelo naturalista entre as regiões de São Paulo e Rio de Janeiro, um conjunto de botânicos franceses buscaram percorrer esse mesmo caminho, a fim de explorar a região para identificar as plantas que ainda se encontravam no local.³⁷ Foram feitas comparações desse material com o que o botânico coletou na época em que passou pela região estudada. Esses dados catalogados por *Saint-Hilaire* podem mostrar o quanto as florestas regrediram nesses últimos anos em relação à exploração excessiva do homem e quais espécies ainda permanecem no local, se adaptando as diferentes condições. E ainda a partir dos estudos da botânica é possível saber sobre as alterações climáticas ao longo dos anos, pois cada espécie apresenta algumas condições ambientais necessária para a sobrevivência, o que de fato pode justificar o desaparecimento de espécies de plantas da região.

O naturalista também enfrentou críticas referentes ao seu trabalho. A primeira crítica a qual ele respondeu é a acusação de que a botânica seria apenas uma ciência de

³⁵ PADOAN, Lucas de Lima Fernandes. **Explorando o desconhecido:** As contribuições dos viajantes naturalistas para as ciências naturais no Brasil do século XVIII e XIX. Santa Maria: Reget, v. 19, n. 1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/view/15794>>. Acesso em: 02 ago. 2017, p. 199.

³⁶ Disponível em: <[Http://hvsh.cria.org.br](http://hvsh.cria.org.br)>. Acesso em: 25 Ago. De 2017.

³⁷ FIORAVANT, C. Na trilha de Saint-Hilaire. In pesquisa **FAPESP**. São Paulo. N 259, set. 2017.

palavras. Segundo ele, alguns estudiosos que ficaram para a posterioridade livraram a botânica da barbárie, pois se encontravam em meio a nomenclaturas confusas. A partir disto, a botânica passou ser mais reconhecida e cultivada e acabou ganhando a moda. Muitas pessoas se dedicaram a este estudo, especificamente a nomenclatura dos vegetais.

Outra crítica sofrida foi em relação a sua pesquisa, como a acusação de inutilidade de seu trabalho. No entanto, ele revida expondo a importância de seus resultados para a medicina, agricultura e artes em geral. “Ele afirma que o naturalista pode ajudar o médico porque sabe que os vegetais organizados de forma semelhante possuem frequentemente as mesmas propriedades.”³⁸ Na falta de alguma espécie, o naturalista por meio do seu conhecimento em botânica pôde facilmente encontrar outra planta com propriedades semelhantes. Já na agricultura, por meio de suas pesquisas, pode-se auxiliar em novos meios de cultivos, ou ainda identificar vegetais que auxiliem na recuperação e na conservação de um solo desgastado pelo mau uso.³⁹

Considerações do pesquisador quanto à relação homem - natureza e suas observações para além da ciência

O naturalista percorreu vários caminhos, quase incontáveis, porém não estava atento somente a sua principal tarefa, que era a catalogação das espécies. Teve um olhar distinto para cada região, a fim de entender os costumes, o modo como se comportavam as fisionomias de cada povo por onde passava, apesar de serem da mesma região, ele apontava e fazia comparações com outras localidades. Sobre o Rio Grande do Sul ele descreve em seu diário de viagem que:

[...] a população de Porto Alegre já disse que se compõem, principalmente, de brancos, em geral, grandes, bem constituídos, de bela tez, acrescentei que as mulheres são muito claras, coradas e várias delas muito bonitas, não se furtam as conversas com os

³⁸ NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao Rio Grande do Sul**. 2007. Disponível em: <<http://www.ihgrgs.org.br/artigos/membros/Neves, Martins, Radtke - Mapa dos itinerários de Saint-Hilaire Viagem ao RS.pdf>>. Acesso em: 10 Ago. 2017, p. 1.

³⁹ Idem.

homens, possuindo maneiras delicadas e um tom distinto. Aqui não há tanta vida social como nas sociedades europeias; porém há muito mais do que nas outras cidades do Brasil.⁴⁰

Logo após a sua chegada ao Rio Grande do Sul, ele nota um hábito carnívoro bem expressivo das pessoas que ali viviam. Avistou vários ossos de animais espalhados ao redor dos casebres, e ao chegar às fazendas se fazia bem forte o cheiro de carne e sebo.

No entanto, em sua passagem pelo Rio Grande do Sul encontrou dificuldades, pois, na maioria das vezes sua casa, escritório e seu local de análise das plantas eram na carroça, seu banco e mesa, eram as malas, mas sempre que possível buscava abrigo nas casas, celeiros, ou o que fosse disponibilizado pelos pequenos colonos para poder passar a noite e se abrigar nos dias de chuva e frio.⁴¹

Quando não passo a noite numa casa, trabalho na carroça e faço arrumar ai minha cama, mas o pouco espaço que disponho por causa da minha bagagem torna muito incômodo essa moradia. Nas outras viagens, o meu alimento restringe-se ao arroz e feijão; e as pessoas que me servem não comem outra coisa. Como iniciei antes deles, estava certo de poder comer, mas isso não aconteceu hoje; cada um faz a sua comida e se sacia de carne. Quando peço qualquer coisa, parece que estou cometendo um roubo. Assim chegamos, Firmiano se apressou em encher a barriga, não pensando em mim; e o pouco que me preparou não era digerível. Acabo de passar um dia e meio só a chá e chocolate.⁴²

Porém, graças as suas cartas de recomendações, ele também foi acolhido por algumas pessoas da nobreza, bem influenciadas, que o ofereciam refeições e abrigo, cavalos, bois, carroça e outros utensílios que lhe poderiam ser úteis para a viagem.⁴³ O naturalista expõe várias vezes no decorrer do seu diário, a saudade que sentia de casa,

⁴⁰ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de ago. 2017, p. 70-72.

⁴¹ *Ibidem*, p. 211.

⁴² SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de ago. 2017, p. 70-72.

⁴³ *Ibidem*, p. 80-102.

de seu país de origem, seus familiares, amigos. Apesar disso, compreendia a importância do seu trabalho para a ciência, principalmente os benefícios que poderiam ser agregados através dele para a França.

Esta manhã o dia estava radiante, mas à tarde, se cobriu de nuvens, provocando uma chuva fina, semelhante à que cai frequentemente na França, durante o mês de novembro. O aspecto e o tempo da região me trouxeram recordações da Sologne e da viagem que minha família costumava aí fazer no outubro; a minha imaginação aproveita tudo o que me pode rememorar os meus familiares e a França; minhas saudades se renovam a cada instante; a solidão em que vivo me fatiga e entedia; tremo cada vez que me lembro de não ser possível rever minha mãe.⁴⁴

Por meio de seus escritos é possível refletir a cerca da importância dos estudos científicos, principalmente os desenvolvidos em meio a tantas dificuldades, como é o caso da viagem de *Saint-Hilaire* ao Brasil. Apesar de seus anseios e dificuldades, concluiu sua jornada com êxito, expondo suas descobertas ao mundo científico por meio de relatos produzidos por si mesmo.

Como já referido nos trechos acima, busca-se frisar que desde o início da sua jornada nas terras brasileiras, *Saint-Hilaire* procurou descrever muito mais do que apenas nomes científicos em seus diários. “O viajante-naturalista acaba por ocupar-se também dos hábitos dos portugueses que vivem na Colônia, de suas tradições, trabalho, alimentação, bem como dos costumes e comportamentos indígenas”.⁴⁵ Além de importantes informações do local explorado, como citado no excerto abaixo descrito no seu diário:

Segundo me informou o cura do Rio Grande, a sua paróquia mede, aproximadamente, sessenta léguas de comprimento, por vinte de largura, compreendendo, em 1819, 5.125 indivíduos, a saber: 1.195 brancos, 1.388 brancas, 17 índios, 26 índias, 61 mulatos livres, 98

⁴⁴ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 de ago. 2017, p. 33.

⁴⁵ GALMARINO, Estela Machado Winter. **Viagem de Auguste de Saint-Hilaire ao Rio Grande do Sul (1820-1821): O que torna legítima a apreensão de um monumento enquanto documento**. 2008. 30 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008, p. 12.

mulatas livres, 32 negros livres, 38 negras livres, 1.391 negros e mulatos escravos, 879 negras e mulatas escravas.⁴⁶

Nesta viagem o naturalista ocupou-se também de observar as peculiares relações do homem com a natureza, suas tradições, alimentos e o trabalho dessas pessoas, principalmente a forma com que elas buscavam extrair da natureza a matéria prima, essenciais para a sobrevivência, suas utilizações na agricultura, alimentação e para o tratamento de males.

Seguindo as margens da lagoa, a leste, descortina-se a aldeia chamada Norte, terminal da península que percorri para chegar aqui e que fica mais a leste que o Rio Grande do Sul. Não há manancial nem fonte nos arredores do Rio Grande do Sul, mas a alguns palmos do solo acha-se água boa, da qual se utilizam os habitantes da região. Quando se abre um poço (cacimba), tem se o cuidado de protegê-lo com barricas, a fim de impedir que a areia o encubra.⁴⁷

Relata quais eram os principais meios de cultivo na época, apontando a cana de açúcar, a mandioca, o milho, o café, algodão, além do forte hábito carnívoro da população do Rio Grande do Sul. Fala sobre o crescimento que a pecuária vinha tendo na época, avançando sobre a natureza pouco a pouco. Destruindo sem saber aproveitar ao máximo o potencial que tinha a lhes oferecer. Além disso, por ser uma população muito diversificada etnicamente, relata algumas condições consideradas desumanas, dos povos brancos em relação aos negros escravos.⁴⁸

Ao oeste e a sudeste, um areal de finura extrema que fatiga a vista pela sua cor esbranquiçada; forma montículos que avançam até as casas situadas atrás da cidade, elevando-se tanto que ameaçam aterrá-las a cada instante. Vi negros ocupados em desentulhar os arredores das casas de seus donos, que me informaram serem obrigados a repetir, sem descanso, esse trabalho.⁴⁹

⁴⁶ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 jul. 2016, p. 103.

⁴⁷ Ibidem, p. 83.

⁴⁸ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 jun. 2016, p. 80-102.

⁴⁹ Ibidem, p. 107.

Por ser uma região com um grande número de imigrantes, principalmente da Europa, o naturalista atribui a similaridade do local a este fator, culturas ali encontradas, formas de vida, feições, plantas, principalmente um grande número de árvores frutíferas, tenham sido trazidas por esses colonizadores.

Apesar de possuir um olhar treinado a identificar diferentes tipos de espécies, *Saint-Hilaire* contribuiu com todos esses fatores, que partiram desde a concepção do local até a forma com que a sociedade era organizada, agregando um extremo valor ao seu trabalho. Realizava uma leitura total do ambiente, a fim de entender essa relação homem - natureza, e ainda as mais peculiares relações em que os povos se encontravam. Como descrito a baixo:

O clima de Porto Alegre é muito saudável; não se conhece aqui as febres intermitentes, mas no tempo do frio, os resfriados e as doenças de garganta são muito comuns. Nessa mesma estação, o tétano se manifesta frequentemente, sobretudo em seguida de um ferimento.⁵⁰

Pode se dizer que a sua viagem ao Brasil não se deteve a um único propósito, o de explorar a fauna e flora, o naturalista foi além, buscou olhar de um modo diferente pelas regiões em que passou. Uma característica marcante, que o diferenciava dos demais exploradores.

No entanto, o naturalista encontrou algumas regiões quase inabitadas pelo homem, local em que os campos se perdiam de vista e nada além de matas eram avistadas. Relata em um trecho de seus diários que sentia medo em pensar na possibilidade de não haver ninguém próximo e que pudesse haver necessidades dos mantimentos básicos, comida e água de boa qualidade para o consumo.⁵¹

Ao retornar à Europa, *Saint-Hilaire* trabalhou tendo como base as anotações realizadas no decorrer da sua expedição. Foram inúmeras publicações decorrentes de suas viagens, em livros e revistas especializadas. Foi um importante viajante naturalista,

⁵⁰ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 jun. 2016, p. 56.

⁵¹ SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Trad. Adroaldo Mesquita da Costa. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1064/626704.pdf?sequence=4> Acesso em: 10 jun. 2016, p. 80-130.

pois ajudou construir conhecimento científico acerca de áreas desconhecidas. Dentre seus trabalhos, está a obra sobre o Rio Grande do Sul, tal como relatado:

Traduzida e publicada em parte no *Anuário do Estado do Rio Grande do Sul para o ano de 1913*, realizada por um tradutor anônimo e compreendia o período de 5 a 15 de junho de 1820, sem a continuação nos anos seguintes. A *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul* publicou uma tradução parcial, feita por Adroaldo Mesquita da Costa, em capítulos entre os anos II e VI (1º trimestre de 1922 e 1º trimestre de 1926) da revista, compreendendo a primeira parte da viagem. Outra versão parcial da viagem foi publicada em 1935 pela Editora Ariel do Rio de Janeiro. A tradução foi feita por Leonam de Azeredo Penna e abrangeu as duas viagens ao Rio Grande do Sul e às Missões. Foi reeditada em 1939 pela Companhia Editora Nacional, fazendo parte da clássica *Coleção Brasileira*.⁵²

Obra de grande relevância, pois, agrega um vasto número de espécies da fauna e flora brasileira disposta pelo território do Rio Grande do Sul. Estudo desenvolvido com muito esforço, pois, as adversidades enfrentadas foram inúmeras, porém o que prevaleceu para o botânico foi a vontade de finalizar a sua pesquisa.

Considerações finais

Vale ressaltar o quanto representa a obra de *Saint-Hilaire* para a ciência, principalmente para a região percorrida pelo naturalista. A partir de seus estudos foi possível ter conhecimento de uma flora até então desconhecida para o meio científico, agregando-lhe as suas características físicas, morfológicas e químicas, partindo de um conhecimento de senso comum atribuídos às comunidades da qual colhia informação, mas, no entanto buscava aprofundar-se para garantir confiabilidade do que era lhe dito. E ainda buscou observar além da visão crítica científica, atentando-se aos mínimos detalhes por ele registrados, como costumes e tradições dos povos por ele encontrados, o que certamente o diferencia de muitos naturalistas que passaram pelo território brasileiro. Assim atribuiu-se o título de viajante naturalista, que de fato foi um dos principais nomes que contribuiu para o enriquecimento do conhecimento acerca da fauna e flora brasileira.

⁵² KURY, Lorelai B. Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar. **Intellèctus (Revista Eletrônica)**, Rio de Janeiro, v. Ano 2, n.3, p. 1-11, 2003, p. 7.

Porém as dificuldades enfrentadas pelo naturalista no decorrer de sua viagem foram inúmeras, pois, se tratava de uma nação até então desconhecida pelo botânico, onde teve que se habituar a novos costumes e enfrentar problemas corriqueiros, decorrentes da vida selvagem, como os animais venenosos, insetos, e até mesmo a dificuldade de conseguir abrigo em dias de chuva e frio. Problemas esses que acarretaram algumas incertezas no estudioso, levando-o a pensar se conseguiria ainda voltar a sua terra de origem.

Por fim vale ressaltar que o naturalista procurou ir além do seu objetivo de estudo, que era a catalogação de espécies e minerais, se preocupou em descrever tudo que o cercava no decorrer de sua viagem, assim como aqueles que se propuseram a ajudar, de diversas maneiras para que sua pesquisa pudesse ser concluída.

ANEXOS

Normas de formatação segunda a revista FÊNIX. (Revista de história e estudos culturais)

- 1 – Os artigos aqui publicados são de inteira responsabilidade dos autores.
- 2 – Os artigos terão a extensão de 15 a 20 laudas, no máximo, digitadas em fonte Times New Roman 12, com espaçamento 1,5 e com margens de 3 cm.
- 3 – As notas deverão ser colocadas no rodapé, podendo nelas constar referências bibliográficas e/ou comentários críticos. Não é necessário colocar lista bibliográfica ao final do artigo.
- 4 – Os artigos serão acompanhados de resumo e abstract de, no máximo, 10 linhas e de 03 a 05 palavras-chave em português e em inglês. O título também deverá ser enviado em inglês.
- 5 – As resenhas poderão ter entre 05 e 10 páginas. Não é necessário o envio de resumo/abstract e palavras-chave em português e em inglês. Entretanto, o título deverá ser enviado também em inglês.
- 6 – Todos os textos deverão ser apresentados após revisão ortográfica e gramatical.
- 7 – Os textos poderão vir acompanhados de ilustrações e/ou gráficos, desde que as fontes sejam devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.
- 8 – Abaixo do nome do autor deverá constar a Instituição à qual se vincula, bem como titulação máxima e e-mail para contato.

9 – A publicação e os comentários a respeito de documentos inéditos seguirão as normas especificadas para os artigos.

10 – As traduções deverão vir acompanhadas da autorização do autor do texto original.

11 – Caso o trabalho/pesquisa e/ou experiência didática tenha apoio financeiro de alguma agência de fomento, esta deverá ser mencionada. 5 – As resenhas poderão ter entre 05 e 10 páginas. Não é necessário o envio de resumo/abstract e palavras-chave em português e em inglês. Entretanto, o título deverá ser enviado também em inglês.

12 – Todos os trabalhos devem ser apresentados em Word for Windows.

13 – Todos os textos serão submetidos a dois pareceristas. Caso haja divergências entre os pareceristas, o Conselho Editorial enviará o trabalho a um terceiro consultor.

14 – Caberá ao Conselho Editorial, a decisão referente à oportunidade da publicação das contribuições recebidas.

15 – Não utilizar Ibid, Idem ou op. cit. Colocar em todas as notas de rodapé a referência completa, mesmo que isso resulte em repetição.

16 – Abaixo transcrevemos detalhadamente as normas que devem ser utilizadas na formatação do artigo:

**TÍTULO DO ARTIGO: CAIXA ALTA, NEGRITO,
CENTRALIZADO, TAMANHO 16 E ESPAÇAMENTO
SIMPLES;**

(tam. 16, simples)

**TITLE: CAIXA ALTA, NEGRITO, CENTRALIZADO,
TAMANHO 16 E ESPAÇAMENTO SIMPLES;**

(tam. 16, simples)

Autor: negrito, centralizado, t. 14 e esp. simples; Referência em *;
Instituição: negrito, centralizado, t. 14 e esp. Simples – sigla
E-mail: em hiperlink, centralizado, negrito, tamanho 12 e espaçamento simples;

t. 12 e esp. Simples

RESUMO: palavra resumo em caixa alta e negrito. Todo esse campo deve ficar em espaçamento simples, justificado, tamanho 10 e com uma linha de distância entre cada item.

PALAVRAS-CHAVE: de 3 a 5 palavras-chaves, separadas por uma trave –.

ABSTRACT: palavra abstract em caixa alta e negrito. Todo esse campo deve ficar em espaçamento simples, justificado, tamanho 10 e com uma linha de distância entre cada item.

KEYWORDS: 3 a 5 palavras-chaves, separadas por uma trave –

Corpo do texto em tamanho 12, espaçamento 1/2, primeira linha com espaço 1,5 cm, com parágrafo justificado. As citações com menos de 3 linhas devem ser mantidas junto ao corpo do texto, entre aspas e com nota de referência. Todas as notas devem constar no rodapé da página, pois a revista **NÃO** utiliza referência em formato Chicago (**AUTOR, 2007, p. XXX**). Nomes de livros ou nomes em outro idioma devem ser colocados em *itálico*.

As citações com mais de três linhas devem ser destacadas do corpo do texto, em tamanho 11, espaçamento simples, SEM *itálico*, SEM aspas, a 4 cm da margem, com nota de referência ao final. Caso se queira dar ênfase a algum trecho o autor pode sublinhar, mas é necessário que seja explicitada essa ação colocando-se (destaque nosso) após a nota de referência. Após a citação, dar um espaço com a mesma configuração. (**espaço em 11, simples**)

Corpo do texto em tamanho 12, espaçamento 1/2, primeira linha com espaço 1,5 cm, com parágrafo justificado. As citações com menos de 3 linhas devem ser mantidas junto ao corpo do texto, entre aspas e com nota de referência. Todas as notas devem constar no rodapé da página, pois a revista **NÃO** utiliza referência em formato Chicago (**AUTOR, 2007, p. XXX**). Nomes de livros ou nomes em outro idioma devem ser colocados em *itálico*.

Subtítulos em fonte 14, centralizado e espaçamento simples, sem nenhum espaço especial (primeira linha) com um “espaço” antes e um depois.